

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

ABRIL DE 1862

Nº 4

Frenologia Espiritualista e Espírita

PERFECTIBILIDADE DA RAÇA NEGRA^{19, 20}

A raça negra é perfectível? Segundo algumas pessoas, esta questão é julgada e resolvida negativamente. Se assim é, e se esta raça é votada por Deus a uma eterna inferioridade, segue-se que é inútil nos preocuparmos com ela e que devemos nos limitar a fazer do negro uma espécie de animal doméstico, preparado para a cultura do açúcar e do algodão. Entretanto a Humanidade, tanto quanto o interesse social, requer um exame mais cuidadoso. É o que tentaremos fazer. Mas como uma conclusão desta gravidade, num ou noutro sentido, não pode ser tomada levemente e deve apoiar-se em raciocínio sério, pedimos permissão para desenvolver algumas considerações preliminares, que nos servirão para mostrar, mais uma vez, que o Espiritismo é a única chave possível de uma multidão de problemas, insolúveis com o auxílio dos dados atuais da Ciência. A frenologia nos servirá de ponto de partida. Exporemos sumariamente as suas bases fundamentais para melhor compreensão do assunto.

19 **N. do T.:** Vide *Revista Espírita*, julho de 1860: *Frenologia e Fisiognomia*.

20 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

Como se sabe, a frenologia apóia-se no princípio de que o cérebro é o órgão do pensamento, como o coração o é da circulação, o estômago da digestão e o fígado da secreção da bile. Este ponto é admitido por todos, pois ninguém há que possa atribuir o pensamento a outra parte do corpo. Cada um sente que pensa pela cabeça e não pelo braço e pela perna. Mais ainda: sente-se instintivamente que a sede do pensamento está na frente; é aí, e não no occipício, que se leva a mão para indicar que um pensamento acaba de surgir. Para todo o mundo o desenvolvimento da parte frontal leva a presumir mais inteligência do que quando ela é baixa e deprimida. Por outro lado, as experiências anatômicas e fisiológicas demonstraram claramente o papel especial de certas partes do cérebro nas funções vitais, e a diferença dos fenômenos produzidos pela lesão de tal ou qual parte. As pesquisas da Ciência não podem deixar dúvida a respeito; as do Sr. Flourens, sobretudo, provaram à evidência a especialidade das funções do cerebelo.

Assim, é admitido como princípio que as diferentes partes do cérebro não exercem as mesmas funções. Além disso, é reconhecido que, originando-se do cérebro, os cordões nervosos, tal como os filamentos de uma raiz, se ramificam em todas as partes do corpo e são afetados de maneira diferente, conforme a sua destinação. É assim que o nervo óptico, que alcança o olho e se abre na retina é afetado pela luz e pelas cores e transmite essas sensações ao cérebro numa porção especial; que o nervo auditivo é afetado pelos sons, os nervos olfativos pelos odores. Se um desses nervos perder a sensibilidade por uma causa qualquer, não haverá mais a sensação: fica-se cego, surdo ou privado do odor. Esses nervos têm, pois, funções distintas e não podem de modo algum se substituir, embora o exame mais minucioso não mostre a mínima diferença na sua contextura.

Partindo desses princípios, a frenologia vai longe: localiza todas as faculdades morais e intelectuais, atribuindo a cada

uma um lugar especial no cérebro. É assim que confere a um órgão o instinto de destruição que, levado ao excesso, se torna crueldade e ferocidade; a outro a firmeza, cujo excesso, sem o contrapeso do julgamento, produz a obstinação; a outro o amor da progênie; finalmente, a outros, a memória das localidades, dos números, das formas, do sentimento poético, da harmonia dos sons, das cores, etc., etc. Aqui não é o lugar de fazer a descrição anatômica do cérebro. Diremos apenas que, se fizermos uma secção longitudinal na massa, reconheceremos que da base partem feixes fibrosos que vão desabrochar na superfície, apresentando mais ou menos o aspecto de um cogumelo cortado na sua altura. Cada feixe corresponde a uma das circunvoluções da superfície externa, de onde se segue que o desenvolvimento da circunvolução corresponde ao desenvolvimento do feixe fibroso. Sendo cada feixe, de acordo com a frenologia, a sede de uma sensação ou de uma faculdade, conclui ela que a energia da sensação ou da faculdade é proporcional ao desenvolvimento do órgão.

No feto a caixa óssea do crânio ainda não se acha formada; inicialmente não passa de uma película, de uma membrana muito flexível, que se modela, conseguintemente, nas partes salientes do cérebro e lhes conserva a impressão, à medida que se endurece pelos depósitos de fosfato de cálcio, que é a base dos ossos. Das saliências do crânio a frenologia conclui o volume do órgão, e do volume do órgão conclui o desenvolvimento da faculdade.

Tal é, em breves palavras, o princípio da ciência frenológica. Embora o nosso objetivo não seja desenvolvê-la aqui, ainda são necessárias algumas palavras quanto ao modo de apreciação. Enganar-se-ia redondamente quem acreditasse poder deduzir o caráter absoluto de uma pessoa pela simples inspeção das saliências do crânio. As faculdades se contrabalançam reciprocamente, se equilibram, se corroboram ou se atenuam umas às outras, de tal sorte que, para julgar um indivíduo, é preciso levar

em conta o grau de influência de cada uma, em razão do seu desenvolvimento, depois pesar na balança o temperamento, o meio, os hábitos e a educação.

Suponhamos um homem com o órgão da destruição muito pronunciado, com atrofia dos órgãos das faculdades morais e afetivas: será miseravelmente feroz. Mas se à destruição aliar a benevolência, a afeição, as faculdades intelectuais, a destruição será neutralizada e terá o efeito de lhe dar mais energia; poderá ser um homem muito honrado, ao passo que o observador superficial, que o julgasse apenas pela inspeção do primeiro órgão, o tomaria por um assassino. Concebem-se, assim, todas as modificações de caráter que podem resultar do concurso das outras faculdades, como a astúcia, a circunspeção, a auto-estima, a coragem, etc. A só sensação da cor fará o colorista, mas não fará o pintor; só a da forma não fará o desenhista; as duas reunidas apenas farão um bom copista se, ao mesmo tempo, não houver o sentimento da idealidade ou da poesia, e as faculdades reflexivas e comparativas. Basta isto para mostrar que as observações frenológicas práticas apresentam grande dificuldade e repousam sobre considerações filosóficas, que não estão ao alcance de todos. Estabelecidas estas preliminares, encaremos a coisa de outro ponto de vista.

Dois sistemas radicalmente opostos dividiram, desde o início, os frenologistas em materialistas e espiritualistas. Não admitindo nada fora da matéria, dizem os primeiros que o pensamento é um produto da substância cerebral; que o cérebro secreta o pensamento, como as glândulas salivares secretam a saliva, como o fígado secreta a bile. Ora, como a quantidade de secreção geralmente é proporcional ao volume e à qualidade do órgão secretor, dizem que a quantidade de pensamentos é proporcional ao volume e à qualidade do cérebro; que cada parte do cérebro, secretando uma ordem particular de pensamentos, os diversos sentimentos e as diversas aptidões estão na razão direta do órgão que os produz. Não refutaremos esta monstruosa doutrina, que faz

do homem uma máquina, sem responsabilidade por seus atos maus, sem méritos pelas suas boas qualidades, e que apenas deve o seu gênio e as suas virtudes ao acaso de sua organização²¹. Com semelhante sistema toda punição é injusta e todos os crimes são justificados.

Os espiritualistas dizem, ao contrário, que os órgãos não são a causa das faculdades, mas os instrumentos da manifestação das faculdades; que o pensamento é um atributo da alma e não do cérebro; que a alma, possuindo por si mesma aptidões diversas, a predominância de tal ou qual faculdade impele o desenvolvimento do órgão correspondente, como o exercício de um braço induz o desenvolvimento dos músculos desse braço. Daí se segue que o desenvolvimento de um órgão é o efeito, e não a causa.

Assim, um homem não é poeta porque tenha o órgão da poesia: ele tem o órgão da poesia porque é poeta, o que é muito diferente. Mas aqui se apresenta uma outra dificuldade, ante a qual forçosamente tropeçam os frenologistas: se for espiritualista, dirá que o poeta tem o órgão da poesia porque é poeta; mas não nos diz por que ele é poeta, porque o é, em vez de seu irmão, embora educado nas mesmas condições; e, assim, em relação a todas as outras aptidões. Só o Espiritismo o explica.

Com efeito, se a alma fosse criada ao mesmo tempo que o corpo, a do sábio do Instituto seria tão nova quanto a do selvagem. Então, por que há na Terra selvagens e membros do Instituto? Direis que depende do meio em que vivem. Seja. Dizei, então, por que homens nascidos nos meios mais ingratos e mais refratários tornam-se gênios, ao passo que outros, que recebem a Ciência desde a infância, são imbecis? Os fatos não provam à evidência que há homens instintivamente bons ou maus, inteligentes ou estúpidos? É preciso, pois, que haja na alma um

21 Vide a *Revista* de março de 1861: *A Cabeça de Garibaldi*.

germe. De onde vem ele? Pode dizer-se razoavelmente que Deus os fez de todos os tipos, uns chegando sem esforço e outros nem sequer com um trabalho obstinado? Seria isso justiça e bondade? Evidentemente, não. Uma única solução é possível: a preexistência da alma, sua anterioridade ao nascimento do corpo, o desenvolvimento adquirido conforme o tempo vivido e as várias migrações percorridas. Unindo-se ao corpo, a alma traz, pois, o que adquiriu, suas qualidades boas ou más. Daí as predisposições instintivas, de onde se pode dizer com certeza que aquele que nasceu poeta já cultivou a poesia; que o que nasceu músico cultivou a música; o que nasceu celerado, já foi mais celerado. Tal é a fonte das faculdades inatas que produzem, nos órgãos afetados à sua manifestação, um trabalho interior, molecular, que provoca o seu desenvolvimento.

Isto nos conduz ao exame da importante questão da inferioridade de certas raças e de sua perfectibilidade.

Antes de mais, admitamos como princípio que todas as faculdades, todas as paixões, todos os sentimentos, todas as aptidões estão em a Natureza; que são necessárias à harmonia geral, posto que Deus nada faz de inútil; que o mal resulta do abuso, assim como da falta de contrapeso e de equilíbrio entre as diversas faculdades. Porque as faculdades não se desenvolvem simultaneamente, resulta que o equilíbrio não pode se estabelecer senão com o tempo; que essa falta de equilíbrio produz os homens imperfeitos, nos quais o mal domina momentaneamente.

Tomemos para exemplo o instinto da destruição. Ele é necessário porque na Natureza é preciso que tudo seja destruído para se renovar. Por isso todas as espécies vivas são, ao mesmo tempo, agentes destruidores e reprodutores. Mas o instinto de destruição isolado é um instinto cego e brutal; impera entre os povos primitivos, entre os selvagens cuja alma ainda não adquiriu qualidades reflexivas próprias a regular a destruição em justa

medida. Numa única existência, poderá o selvagem adquirir as qualidades que lhe faltam? Seja qual for a educação que lhe derdes desde o berço, dele fareis um São Vicente de Paulo, um sábio, um orador, um artista? Não; é materialmente impossível. E, no entanto, o selvagem tem uma alma. Qual a sorte dessa alma depois da morte? É punida pelos atos bárbaros que ninguém reprimiu? É colocada em igualdade com o homem de bem? Um não é mais racional que o outro. É, então, condenada a ficar eternamente num estado misto, que nem é felicidade, nem infelicidade? Isto não seria justo, porque se ela não é mais perfeita, não dependeu dela. Só podeis sair deste dilema admitindo a possibilidade de progresso. Ora, como pode a alma progredir, a não ser tendo novas existências? Dir-se-á que poderá progredir como Espírito, sem voltar à Terra. Mas, então, por que nós, civilizados, esclarecidos, nascemos na Europa e não na Oceania? em corpos brancos, ao invés de corpos negros? Por que um ponto de partida tão diferente, se só se progride como Espírito? Por que Deus nos liberou da longa rota percorrida pelos selvagens? Seriam nossas almas de natureza diversa das suas? Por que tentar torná-los cristãos? Se os tornais cristãos, é que os olhais como vosso igual perante Deus. E se é vosso igual perante Deus, por que Deus vos concede privilégios? Por mais que façais, não chegareis a nenhuma solução, a menos que admitais para nós um progresso anterior e para os selvagens um progresso ulterior. Se a alma do selvagem deve progredir posteriormente, é que nos alcançará; se progredimos anteriormente, é que fomos selvagens, pois se for diferente o ponto de partida, não haverá mais justiça, e se Deus não for justo, já não será Deus. Eis, pois, forçosamente, duas existências extremas: a do selvagem e a do homem ultracivilizado; mas, entre esses dois extremos, não haverá nenhum ponto intermediário? Segui a escala dos povos e vereis que é uma corrente ininterrupta, sem solução de continuidade.

Ainda uma vez, todos esses problemas são insolúveis sem a pluralidade das existências. Dizei que os zelandeses

renascerão num povo um pouco menos bárbaro, e assim por diante até a civilização, e tudo se explica; que se, em vez de seguir os degraus da escala os transpuser de um salto e chegar sem transição entre nós, dará o hediondo espetáculo de um Dumollard, que para nós é um monstro e que nada teria apresentado de anormal entre os povos da África central, de onde talvez tenha saído. É assim que, ao nos restringirmos numa existência única, tudo é obscuridade, tudo é problema sem saída, ao passo que com a reencarnação, tudo é claridade, tudo é solução.

Voltemos à frenologia. Ela admite órgãos especiais para cada faculdade e julgamos que esteja certa. Mas vamos mais longe. Vimos que cada órgão cerebral é formado de um feixe de fibras; pensamos que cada fibra corresponda a uma nuance de faculdade. Isto não passa de uma hipótese, é verdade, mas que poderá abrir caminho a novas observações. O nervo auditivo recebe os sons e os transmite ao cérebro. Mas se o nervo é homogêneo, como percebe sons tão variados? É, pois, lícito admitir que cada fibra nervosa é afetada por um som diferente, com o qual, de certo modo, vibra em uníssono, como as cordas de uma harpa. Todos os tons estão na Natureza. Imaginemos uma centena deles, do mais agudo ao mais grave. O homem que possuísse cem fibras correspondentes os perceberia a todos; o que só possuísse a metade, não perceberia senão a metade dos sons, pois os outros lhe escapariam e deles não teria nenhuma consciência. Dá-se o mesmo com as cordas vocais para exprimir os sons, com as fibras ópticas para a percepção das diversas cores, com as fibras olfativas para registrar todos os odores. O mesmo raciocínio pode aplicar-se aos órgãos de todos os gêneros de percepções e de manifestações.

Todos os corpos animados encerram, incontestavelmente, o princípio de todos os órgãos; uns, porém, em certos indivíduos, se acham num estado de tal forma rudimentar que não são susceptíveis de desenvolvimento; é exatamente como se não existissem. Assim, nessas pessoas, não pode haver percepções nem

manifestações correspondentes a esses órgãos; numa palavra elas são, para tais faculdades, como os cegos em relação à luz e os surdos para a música.

O exame frenológico dos povos pouco inteligentes constata a predominância das faculdades instintivas e a atrofia dos órgãos da inteligência. Aquilo que é excepcional nos povos avançados é a regra em certas raças. Por quê? Será uma injusta preferência? Não; é sabedoria. A Natureza é sempre providente; nada faz de inútil. Ora, seria inútil dar um instrumento completo a quem não tenha os meios para dele se servir. Os Espíritos selvagens são ainda crianças, se assim podemos nos exprimir. Neles muitas faculdades ainda estão latentes. O que faria o Espírito de um hotentote no corpo de um Arago? Seria como alguém que nada sabe de música diante de um piano excelente. Por uma razão inversa, o que faria o Espírito Arago no corpo de um hotentote? Seria como Liszt diante de um piano contendo apenas algumas cordas desafinadas, das quais o seu talento não conseguiria jamais tirar sons harmoniosos. Arago entre os selvagens, com todo o seu gênio, será tão inteligente quanto o pode ser um selvagem, e nada mais; jamais será, numa pele negra, membro do Instituto. Seu Espírito induziria o desenvolvimento dos órgãos? Órgãos fracos, sim; órgãos rudimentares, não²².

A Natureza, portanto, apropriou os corpos ao grau de desenvolvimento dos Espíritos que neles devem encarnar; eis por que os corpos das raças primitivas possuem menos cordas vibrantes que os das raças adiantadas. Há, pois, no homem dois seres bem distintos: o Espírito, ser pensante; o corpo, instrumento das manifestações do pensamento, mais ou menos completo, mais ou menos rico em cordas, conforme as necessidades.

Chegamos agora à perfectibilidade das raças. Por assim dizer, essa questão é resolvida pela precedente: apenas temos

22 Vide a *Revista Espírita* de outubro de 1861: *Os cretinos*.

que deduzir algumas conseqüências. Elas são perfectíveis para o Espírito que se desenvolve através de suas várias migrações, em cada uma das quais adquire pouco a pouco as faculdades que lhe faltam; mas, à proporção que essas faculdades se ampliam, necessita de um instrumento apropriado, como uma criança que cresce precisa de roupas maiores. Ora, sendo insuficientes os corpos constituídos para o seu estado primitivo, necessitam encarnar em melhores condições, e assim por diante, à medida que progridem.

Assim, as raças são perfectíveis pelo corpo, pelo cruzamento com raças mais aperfeiçoadas, que trazem novos elementos, aí *enxertando*, por assim dizer, os germes de novos órgãos. Esse cruzamento se faz pelas migrações, as guerras e as conquistas. Sob esse ponto de vista, há raças, como há famílias, que se abastardam, se não misturarem sangues diversos. Então não se pode dizer que haja raça primitiva pura, porquanto, sem cruzamento, essa raça será sempre a mesma, pois seu estado de inferioridade se prende à sua natureza; degenerará, em vez de progredir, o que resultará no seu desaparecimento, ao cabo de certo tempo.

Diz-se a respeito dos negros escravos: “São seres tão brutos, tão pouco inteligentes, que seria trabalho perdido querer instruí-los. É uma raça inferior, incorrigível e profundamente incapaz.” A teoria que acabamos de dar permite encará-los sob outra luz. Na questão do aperfeiçoamento das raças, deve-se sempre levar em conta dois elementos constitutivos do homem: o elemento espiritual e o elemento corporal. É preciso conhecer um e outro, e só o Espiritismo nos pode esclarecer sobre a natureza do elemento espiritual, o mais importante, por ser o que pensa e que sobrevive, enquanto o elemento corporal se destrói.

Assim, como organização física, os negros serão sempre os mesmos; como Espíritos, trata-se, sem dúvida, de uma raça

inferior²³, isto é, primitiva; são verdadeiras crianças às quais muito pouco se pode ensinar. Mas, por meio de cuidados inteligentes é sempre possível modificar certos hábitos, certas tendências, o que já constitui um progresso que levarão para outra existência e que lhes permitirá, mais tarde, tomar um envoltório em melhores condições. Trabalhando em sua melhoria, trabalha-se menos pelo seu presente que pelo seu futuro e, por pouco que se ganhe, para eles é sempre uma aquisição. Cada progresso é um passo à frente, facilitando novos progressos.

Sob o mesmo envoltório, isto é, com os mesmos instrumentos de manifestação do pensamento, as raças são perfectíveis somente em estreitos limites, pelas razões que desenvolvemos. Eis por que a raça negra, enquanto raça negra, corporalmente falando, jamais atingirá o nível das raças caucásicas; mas, na qualidade de Espírito, é outra coisa: pode tornar-se e tornar-se-á aquilo que somos. Apenas necessitará de tempo e de melhores instrumentos. Por isso as raças selvagens, mesmo em contato com a civilização, permanecerão sempre selvagens; porém, à medida que as raças civilizadas se espalham, as selvagens diminuem, até desaparecerem completamente, como aconteceu com a raça dos Caraíbas, dos *Guanches* e outras. Os corpos desapareceram; quanto aos Espíritos, em que se transformaram? Muitos deles, talvez, se encontrem entre nós.

Já dissemos e vamos repetir: o Espiritismo descortina novos horizontes a todas as ciências. Quando os cientistas levarem em consideração o elemento espiritual nos fenômenos da Natureza, ficarão surpresos de ver que as dificuldades contra as quais tropeçam a cada passo são removidas como por encanto. Mas é provável que, para muitos, seja necessário renovar o hábito.

23 **N. do T.:** Allan Kardec, por certo, está se referindo aos Espíritos encarnados nas tribos incultas, selvagens, então existentes em algumas regiões do planeta e que hoje, em contato com outros pólos de civilização, vêm evoluindo progressivamente, como sói acontecer com as demais raças, seja qual for a coloração de sua pele.

Quando voltarem, terão tido tempo de refletir e trarão novas idéias. Acharão as coisas muito mudadas aqui na Terra; as idéias espíritas, que hoje repelem, terão germinado por toda parte e serão a base de todas as instituições sociais. Eles próprios serão educados e sustentados nessa crença, que abrirá ao seu gênio novo campo para o progresso da ciência. Enquanto esperam, e enquanto aqui ainda se encontram, procuram a solução do problema: Por que a autoridade de seu saber, e suas negativas, não detêm, sequer por um instante, a marcha cada dia mais rápida das idéias novas?

Conseqüências da Doutrina da Reencarnação sobre a Propagação do Espiritismo

O Espiritismo marcha com rapidez, fato que ninguém poderá negar. Ora, quando uma coisa se propaga é porque convém; assim, se o Espiritismo também se propaga é porque igualmente convém. Há várias causas para isto. A primeira é, sem contradita, como já explicamos em diversas circunstâncias, a satisfação moral que proporciona aos que o compreendem e praticam. Mas esta mesma causa recebe em parte a sua força do princípio da reencarnação. É o que tentaremos demonstrar.

Qualquer homem que reflita não pode deixar de preocupar-se com o seu futuro depois da morte, o que bem vale a pena. Quem é quem não liga à sua situação na Terra durante alguns anos mais importância do que durante alguns dias? Mais ainda: durante a primeira parte da vida a gente trabalha, extenua-se de fadiga e se impõe toda sorte de privações para, na outra metade, assegurar-se um pouco de repouso e de bem estar. Se temos tanto cuidado por alguns anos eventuais, não é racional tê-los ainda mais pela vida de além-túmulo, cuja duração é ilimitada? Por que razão a maioria trabalha mais pelo presente passageiro do

que pelo futuro sem-fim? É que acreditamos na realidade do presente e duvidamos do futuro. Ora, *só se duvida daquilo que não se compreende*. Que se compreenda o futuro e tudo cessará. Aos olhos mesmos daqueles que, no estado das crenças vulgares, estão mais bem convencidos da vida futura, esta se apresenta de maneira tão vaga, que nem sempre basta a fé para fixar as idéias; aquela tem mais as características de uma hipótese que as de uma realidade. O Espiritismo vem remover essa incerteza pelo testemunho dos que viveram e por provas de certo modo materiais.

Toda religião repousa necessariamente na vida futura e todos os dogmas convergem forçosamente para esse fim único. É visando atingir esse fim que eles são praticados; e a fé nos dogmas está na razão direta da eficácia que se lhes atribui para o alcançar. A teoria da vida futura é, pois, a pedra angular de toda doutrina religiosa. Se essa teoria pecar pela base; se abrir o campo a objeções sérias; se se contradisser; se se puder demonstrar a impossibilidade de certas partes, tudo vai abaixo. Antes de mais vem a dúvida, à qual sucede a negação absoluta, e os dogmas são arrastados no naufrágio da fé. Pensaram em escapar ao perigo proscrevendo o exame e fazendo da fé cega uma virtude. Mas pretender impor a fé cega neste século é desconhecer o tempo em que vivemos; refletimos, mau grado nosso; examinamos pela força das coisas; queremos saber como e porquê. O desenvolvimento da indústria e das ciências exatas nos ensina a olhar o terreno sobre o qual pisamos, razão por que se sondamos aquele onde, conforme dizem, marcharemos depois da morte; se não o encontramos sólido, isto é, lógico, racional, não nos preocuparemos com ele. Por mais que façam, não conseguirão neutralizar essa tendência, porque inerente ao desenvolvimento intelectual e moral da Humanidade. Segundo uns, é um bem; segundo outros, um mal. Seja qual for a maneira pela qual a encaramos, temos de nos acomodar, queiramos ou não, porquanto não pode ser de outra maneira.

A necessidade de se dar conta e de compreender diz respeito às coisas materiais e às coisas morais. Indubitavelmente, a

vida futura não é uma coisa palpável, como uma estrada de ferro e uma máquina a vapor; mas pode ser compreendida pelo raciocínio. Se o raciocínio, em virtude do qual buscamos demonstrá-la não satisfizer à razão, abandonamos as premissas e as conclusões. Interrogai aqueles que negam a vida futura e todos dirão que foram conduzidos à incredulidade pelo próprio quadro que lhes faziam, com seus cortejos de demônios, labaredas e sofrimentos sem-fim.

Todas as questões morais, psicológicas e metafísicas se ligam de maneira mais ou menos direta à questão do futuro. Disso resulta que dessa última questão depende, de alguma sorte, a racionalidade de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. O Espiritismo vem, por sua vez, não como uma religião, mas como doutrina filosófica, trazer a sua teoria, apoiada no fato das manifestações. Ele não se impõe; não exige confiança cega; entra no número dos concorrentes e diz: Examinai, comparai e julgai; se achardes algo melhor do que isto que vos dou, tomai-o. Ele não diz: Venho destruir os fundamentos da religião e substituí-la por um culto novo. Diz: Não me dirijo aos que crêem e se acham satisfeitos com suas crenças, mas aos que abandonam as vossas fileiras pela incredulidade e que não os soubestes ou pudestes reter. Venho dar-lhes, sobre as verdades que repelem, uma interpretação capaz de satisfazer sua razão e que os leva a aceitá-la. E a prova de que o consigo é o número dos que tiro do atoleiro da incredulidade. Todos vos dirão: Se me tivessem ensinado essas coisas assim desde a infância, jamais teria duvidado; agora creio, porque compreendo. Deveis repeli-los, porque aceitam o espírito e não a letra? o princípio, e não a forma? Sois livres; se vossa consciência faz disto um dever, ninguém pensará em violentá-la; mas não digo apenas que isto seria um erro; digo mais: seria uma imprudência.

Como dissemos, a vida futura é o objetivo essencial de toda doutrina moral. Sem a vida futura, a moral carece de base. O triunfo do Espiritismo está precisamente na maneira pela qual apresenta o futuro; além das provas que oferece, o quadro que

apresenta é tão claro, tão simples, tão lógico, tão conforme à justiça e à bondade de Deus, que involuntariamente dizemos: Sim, é bem assim que deve ser; é assim que eu imaginava; e, se não havia acreditado, é porque me tinham mostrado a vida futura de outro modo.

Mas, o que é que dá à teoria do futuro um tal poder? o que é que lhe granjeia tantas simpatias? É, dizemos nós, a sua lógica inflexível, que resolve todas as dificuldades até então insolúveis; e isto ela o deve ao princípio da pluralidade das existências. Com efeito, suprimi este princípio e milhares de problemas, cada qual mais insolúvel, se apresentarão imediatamente. A cada passo nos chocaremos contra inúmeras objeções. Essas objeções não eram suscitadas antigamente, isto é, ninguém pensava nelas. Mas hoje, que a criança se fez homem, quer ir ao fundo das coisas; quer ver claro o caminho por onde é conduzido; sonda e pesa o valor dos argumentos que lhe apresentam e, se estes não lhe satisfazem à razão ou o deixam no vago e na incerta, rejeita-os, aguardando coisa melhor. A pluralidade das existências é uma chave que descortina horizontes novos, que dá uma razão de ser a uma multidão de coisas incompreendidas e que explica o inexplicável. Ela concilia todos os acontecimentos da vida com a justiça e a bondade de Deus. Daí por que os que haviam chegado a duvidar dessa justiça e dessa bondade agora reconhecem o dedo da Providência onde o tinham ignorado. Efetivamente, sem a reencarnação, a que atribuir as idéias inatas? como justificar o idiotismo, o cretinismo, a selvageria, ao lado do gênio e da civilização? a profunda miséria de uns, ao lado da felicidade de outros? as mortes prematuras e tantas outras coisas? Do ponto de vista religioso, certos dogmas, como o do pecado original, o da queda dos anjos, a eternidade das penas, a ressurreição da carne, etc., encontram neste princípio uma interpretação racional, levando à aceitação do seu espírito justamente por aqueles que repeliam a letra.

Em resumo, o homem atual quer compreender. O princípio da reencarnação ilumina o que estava obscuro. Eis por que dizemos que este princípio é uma das causas que faz com que o Espiritismo seja acolhido favoravelmente.

Dir-se-á que a reencarnação não é necessária para crer nos Espíritos e em suas manifestações; e a prova disto é que há crentes que não a admitem. É verdade. Também não dissemos que não se possa ser bom espírita sem crer na reencarnação. Não somos daqueles que atiram pedras aos que não pensam como nós. Apenas dizemos que eles não abordaram todos os problemas levantados pelo sistema unitário, sem o que teriam reconhecido a impossibilidade de lhes dar uma solução satisfatória. A idéia da pluralidade das existências a princípio foi acolhida com assombro, com desconfiança; depois, pouco a pouco as pessoas se familiarizaram com ela, à medida que reconheciam a impossibilidade de, sem ela, saírem das inúmeras dificuldades suscitadas pela psicologia e pela vida futura. Uma coisa é certa: esse sistema ganha terreno diariamente, enquanto o outro o perde. Hoje, na França, os adversários da reencarnação – falamos dos que estudaram a ciência espírita – são em número imperceptível, em comparação com os seus partidários. Na própria América, onde são mais numerosos, por causas que explicamos em nosso número anterior, o princípio começa a popularizar-se, de modo que podemos concluir que não está longe o tempo em que, sob esse ponto, não haverá nenhuma dissidência.

Epidemia Demoníaca na Sabóia

Algum tempo atrás os jornais falaram de uma monomania epidêmica que se manifestou numa parte da Alta Sabóia e contra a qual falharam todos os socorros da medicina e da religião. O único meio que produziu resultados mais ou menos satisfatórios foi a dispersão dos indivíduos em diferentes cidades. A

respeito, recebemos do capitão B..., membro da Sociedade Espírita de Paris, atualmente em Annecy, a seguinte carta:

“Annecy, 7 de março de 1862.

“Senhor Presidente,

“Querendo ser útil à Sociedade, tenho a honra de vos remeter uma brochura que me foi enviada por um de meus amigos, o Dr. Caille, encarregado pelo Ministro de acompanhar o inquérito feito pelo Sr. Constant, inspetor das casas de alienados sobre os casos *muito numerosos* de demonomania, observados na comuna de Morzine, distrito de Thonon (Haute-Savoie). Até hoje, esta infeliz população se acha sob a influência da obsessão, apesar dos exorcismos, dos tratamentos médicos, das medidas tomadas pelas autoridades e dos internamentos nos hospitais do Departamento. Os casos diminuíram um pouco mas não cessaram, permanecendo o mal, por assim dizer, em estado latente. Querendo exorcizar esses infelizes, na maioria crianças, o cura mandou trazê-las à igreja, conduzidas por homens vigorosos. Mal havia pronunciado as primeiras palavras latinas, produziu-se uma cena horrorosa: gritos, saltos furiosos, convulsões, etc., a tal ponto que mandaram buscar os soldados e uma companhia de infantaria para restabelecer a ordem.

“Não consegui obter todas as informações que gostaria de poder vos dar hoje, mas os fatos me parecem bastante graves para merecerem vosso exame. O Dr. Arthaud, de Lyon, médico alienista, leu o relatório da Sociedade médica desta cidade, o qual foi publicado pela *Gazette médicale de Lyon* e que podereis obter através de vosso correspondente. No hospital desta cidade temos duas mulheres de Morzine que estão em tratamento. O Dr. Caille concluiu por uma afecção nervosa epidêmica, que escapa a toda espécie de tratamento e de exorcismo. Só o isolamento produziu bons resultados. Durante as crises, todos esses infelizes obsedados

pronunciam palavras obscenas; dão saltos prodigiosos por cima das mesas, trepam em árvores, nos telhados e, às vezes, profetizam.

“Se esses fatos se apresentaram nos séculos dezesseis e dezessete, nos conventos e nos campos, não é menos certo que no nosso século dezenove eles oferecem, a nós, espíritas, um assunto de estudo, do ponto de vista da obsessão epidêmica, generalizando-se e persistindo durante anos, pois há cerca de cinco anos que o primeiro caso foi observado.

“Terei a honra de vos enviar todos os documentos e informações que puder obter.

“Aceitai, etc.

B...”

As duas comunicações que se seguem nos foram dadas sobre o assunto, na Sociedade Espírita de Paris, por nossos Espíritos habituais.

“Não são médicos, mas magnetizadores, espiritualistas ou espíritas que deveriam ser mandados para dissipar a legião de Espíritos malvados, extraviados no vosso planeta. Digo extraviados porque eles apenas passarão. Mas por muito tempo ainda, a infeliz população sofrerá do ponto de vista moral e físico. Onde está o remédio? perguntais. Surgirá do mal, porque os homens, aterrorizados por essas manifestações, acolherão com êxtase o contato benéfico dos Espíritos bons que os sucederão, como a aurora sucede à noite. Essa pobre população, ignorante de qualquer trabalho intelectual, teria desconhecido as comunicações inteligentes dos Espíritos ou, antes, nem mesmo as teria percebido. A iniciação e os males provocados por essa turba impura abrem olhos fechados, e as desordens, os atos de demência não passam de um prelúdio de iniciação, porquanto todos devem participar da grande luz espírita. Não vos escandalizeis por essa maneira cruel de

proceder: tudo tem um fim e os sofrimentos devem fecundar, como fazem as tempestades, que destroem a colheita de uma região, enquanto fertilizam outras.

Georges (Médium: Sra. Costel)

“Os casos de demonomania que agora ocorrem na Sabóia também já ocorreram em muitos outros países, notadamente na Alemanha, mas principalmente no Oriente. Esse fato anormal é mais característico do que pensais. Com efeito, ao observador atento revela uma situação análoga à que se manifestou nos derradeiros anos do paganismo. Ninguém ignora que quando o Cristo, nosso muito amado Mestre, encarnou na Judéia, sob os traços do carpinteiro Jesus, aquela região havia sido invadida por legiões de Espíritos malévolos que, como hoje, se apoderaram, pela possessão, das classes sociais mais ignorantes, dos Espíritos encarnados mais fracos e menos adiantados, numa palavra, dos indivíduos que guardavam os rebanhos ou vagavam nas ocupações da vida rural. Não percebeis uma grande analogia entre a reprodução desses fenômenos idênticos de possessão? Ah! nisso existe um ensinamento muito profundo! e disso deveis concluir que os tempos preditos se aproximam cada vez mais e que o Filho do Homem em breve virá expulsar novamente essa turba de Espíritos impuros que se abateram sobre a Terra, e reavivar a fé cristã, dando a sua alta e divina sanção às revelações consoladoras e aos ensinamentos regeneradores do Espiritismo. Voltando aos casos atuais de demonomania, é preciso lembrar que os sábios, que os médicos do século de Augusto trataram, conforme os processos hipocráticos, os infelizes possessos da Palestina, e que toda a sua ciência se aniquilou ante esse poder desconhecido. Pois bem! ainda hoje todos os vossos inspetores de epidemias, todos os vossos mais distintos alienistas, sábios doutores em materialismo puro, fracassam do mesmo modo ante essa doença exclusivamente moral, diante dessa epidemia puramente espiritual. Mas que importa, meus amigos! vós, que fostes tocados pela graça nova,

sabeis quanto esses males passageiros são curáveis pelos que têm fé. Esperai, pois, com confiança, a vinda daquele que já resgatou a Humanidade. A hora se aproxima; o Espírito precursor já está encarnado. Logo veremos o desenvolvimento completo desta doutrina, que tomou por divisa: “Fora da caridade não há salvação.”

Erasto (Médium: Sr. d’Ambel)

Devemos concluir, do que precede, que não se trata de uma afecção orgânica, mas, sim, de uma influência oculta. Custa-nos tanto menos crer, quanto temos tido numerosos casos idênticos isolados, devidos à mesma causa; e o que o prova é que os meios ensinados pelo Espiritismo foram suficientes para fazer cessar a obsessão. Está demonstrado pela experiência que os Espíritos mal-intencionados não só agem sobre o pensamento, mas, também, sobre o corpo, com o qual se identificam e do qual se servem como se fosse o seu; que provocam atos ridículos, gritos, movimentos desordenados que apresentam todas as aparências da loucura ou da monomania. Encontrar-se-á sua explicação em o nosso *O Livro dos Médiuns*, no capítulo da obsessão, e num próximo artigo citaremos vários fatos que o demonstram de maneira incontestável. Com efeito, é bem uma espécie de loucura, uma vez que se pode dar este nome a todo estado anormal, em que o Espírito não age livremente. Deste ponto de vista, é uma verdadeira loucura acidental.

Faz-se, pois, necessário distinguir a *loucura patológica* da *loucura obsessiva*. A primeira resulta de uma desordem nos órgãos da manifestação do pensamento. Notemos que, nesse estado de coisas, não é o Espírito que é louco; ele conserva a plenitude de suas faculdades, como o demonstra a observação; apenas estando desorganizado o instrumento de que se serve para manifestar-se, o pensamento, ou, melhor dizendo, a expressão do pensamento é incoerente.

Na loucura obsessiva não há lesão orgânica; é o próprio Espírito que se acha afetado pela subjugação de um Espírito estranho, que o domina e subjuga. No primeiro caso, deve-se tentar curar o órgão enfermo; no segundo basta livrar o Espírito doente do hóspede importuno, a fim de lhe restituir a liberdade. Casos semelhantes são muito freqüentes e muitas vezes tomados como loucura o que não passa de obsessão, para a qual deveriam empregar meios morais e não duchas. Pelo tratamento físico e, sobretudo, pelo contato com os verdadeiros alienados, muitas vezes tem sido determinada uma verdadeira loucura onde esta não existia.

Abrindo novos horizontes a todas as ciências, o Espiritismo vem, também, elucidar a questão tão obscura das doenças mentais, ao assinalar-lhes uma causa que, até hoje, não havia sido levada em consideração – causa real, evidente, provada pela experiência e cuja verdade mais tarde será reconhecida. Mas como fazer que tal causa seja admitida por aqueles que estão sempre dispostos a enviar ao hospício quem quer que tenha a fraqueza de crer que temos uma alma e que esta desempenha um papel nas funções vitais, sobrevive ao corpo e pode atuar sobre os vivos? Graças a Deus, e para o bem da Humanidade, as idéias espíritas fazem mais progresso entre os médicos do que se podia esperar e tudo faz prever que, num futuro não muito remoto, a Medicina saia finalmente da rotina materialista.

Estando provados alguns casos isolados de obsessão física ou de subjugação, fácil é compreender que, semelhante a uma nuvem de gafanhotos, um bando de Espíritos malfazejos pode lançar-se sobre um certo número de indivíduos, deles se apoderar e produzir uma espécie de epidemia moral. A ignorância, a fraqueza das faculdades, a ausência de cultura intelectual naturalmente lhes facultam maior influência. É por isso que eles prejudicam, de preferência, certas classes, embora as pessoas inteligentes e instruídas nem sempre estejam isentas. Como diz Erasto, foi provavelmente uma epidemia desse gênero que imperou no tempo

do Cristo, tantas vezes mencionada no Evangelho. Mas por que só a sua palavra bastava para expulsar os chamados demônios? Isto prova que o mal não podia ser curado senão por uma influência moral. Ora, quem pode negar a influência moral do Cristo? Entretanto – dirão – não empregaram o exorcismo, que é uma espécie de remédio moral, e nada foi obtido? Se nada produziu é que o remédio nada vale e que se deve buscar outro: isto é evidente. Estudai o Espiritismo e compreendereis a razão. Somente o Espiritismo, assinalando a verdadeira causa do mal, pode dar os meios de combater os flagelos dessa natureza. Mas quando dizemos para estudá-lo, entendemos por isto um estudo sério, e não na esperança de nele encontrar uma receita banal, para uso do primeiro que aparecer.

O que acontece na Sabóia, chamando a atenção, possivelmente apressará o momento em que será reconhecida a parte de ação do mundo invisível nos fenômenos da Natureza. Uma vez entrando neste caminho, a Ciência possuirá a chave de muitos mistérios e verá cair a mais formidável barreira que detém o progresso: o materialismo, que restringe o círculo da observação, em vez de o ampliar.

Respostas à Questão dos Anjos Decaídos

Observação – Recebemos de vários pontos respostas a todas as questões apresentadas no número de janeiro último. Sua extensão não nos permite publicá-las todas ao mesmo tempo. Limitar-nos-emos, hoje, à questão dos anjos rebeldes.

(Bordeaux – Médiun: Sra. Cazemajoux)

Meus amigos, a teoria contida no resumo que acabais de ler é a mais lógica e a mais racional. A sã razão não pode admitir

a criação de Espíritos puros e perfeitos revoltando-se contra Deus e buscando igualá-lo em poder, majestade e grandeza.

Antes de chegar à perfeição o Espírito, ignorante e fraco, entregue ao seu livre-arbítrio, muitas vezes envereda pela corrupção e mergulha com prazer no oceano da iniquidade. Mas o que causa principalmente a sua perda é o orgulho. Nega a Deus, atribui ao acaso a sua existência, as maravilhas da criação e a harmonia universal. Então, infeliz dele! é um anjo decaído. Em vez de avançar para mundos felizes, é exilado do próprio planeta em que habita, a fim de expiar, em mundos inferiores, sua rebelião incessante contra Deus.

Guardai-vos, irmãos, de os imitar: são anjos perversos. Envidai todos os esforços para não lhes aumentar o número; que o archote da fé espírita vos esclareça quanto aos vossos deveres futuros, a fim de que possais um dia evitar a sorte dos Espíritos rebeldes e subir a escala espiritual que conduz à perfeição.

Vossos guias espirituais

(Haia – Holanda; Médiun: barão de Kock)

Sobre este artigo, pouco terei a dizer, a não ser que é sublime verdade. Nada a acrescentar ou a subtrair. Bem-aventurados os que aliarem a fé a essas belas palavras, os que aceitarem esta doutrina escrita por Allan Kardec. Kardec é o homem eleito por Deus para instrução das criaturas do presente. São palavras inspiradas pelos Espíritos do bem, Espíritos muito superiores. Tende fé; lede, estudai toda a doutrina: é um bom conselho que vos dou.

Vosso Guia Protetor

(Sens – Médiun: Sr. Pichon)

P. – Que devemos pensar da interpretação da doutrina dos anjos decaídos, que o Sr. Allan Kardec publicou no último numero da *Revista Espírita*?

Resp. – Que é perfeitamente racional, e que nós mesmos não a teríamos explicado melhor.

Arago

(Paris. Comunicação particular – Médiun: Srta. Stéphanie)

Está bem definido, mas – é preciso ser franco – há uma coisa que me contraria: por que falar desse dogma da Imaculada Conceição? Tivestes revelações concernentes à mãe do Cristo? Deixai essas discussões à Igreja Católica. Lamento tanto mais essa comparação, quanto mais os padres crerão e dirão que vós lhes quereis fazer a corte.

*Um Espírito, amigo sincero do médiun
e do diretor da Revista Espírita*

(Lyon – Médiun: Sra. Bouillant)

Outrora acreditávamos que os anjos, depois de haverem habitado o mais radioso dos mundos, se tinham revoltado contra Deus e merecido ser expulsos do Éden, que Deus lhes havia dado como morada. Cantamos sua queda e sua fraqueza e, acreditando nesta fábula do Paraíso Perdido, o tínhamos enfeitado com todas as flores da retórica que conhecíamos. Para nós era um tema que oferecia um encanto especial. Esse primeiro homem e essa primeira mulher, expulsos de seus oásis, condenados a viver na Terra, sujeitos a todos os males que assediam a Humanidade eram para o autor uma grande fonte para desenvolver as suas idéias, e o assunto se prestava sobretudo e perfeitamente às nossas idéias melancólicas. Como os outros, acreditávamos no erro e juntávamos

a nossa palavra a todas as que já tinham sido pronunciadas. Mas agora que a nossa existência no espaço nos permitiu julgar as coisas do seu verdadeiro ponto de vista; agora que podemos compreender quanto era absurdo admitir que o Espírito, chegado ao seu mais alto grau de pureza, pudesse retrogradar de repente, revoltar-se contra o seu Criador e com ele entrar em luta; agora que podemos julgar por quantos cadinhos o licor deve ser filtrado para se depurar, a ponto de se tornar essência e quintessência, estamos em condição de vos dizer o que são os anjos decaídos e o que deveis crer do Paraíso Perdido.

Em sua imutável lei do progresso, quer Deus que os homens avancem, avancem incessantemente, de século em século, em épocas por ele determinadas. Quando a maioria dos seres que habitam a Terra se torna muito superior à parte terrestre que ocupa, então Deus ordena uma emigração de Espíritos; aqueles que realizaram sua missão com consciência, vão habitar regiões que lhes são designadas, ao passo que o Espírito recalcitrante e preguiçoso, que destoa do quadro, é obrigado a ficar na retaguarda. Nesta depuração ele é repellido, como fazem os químicos com as substâncias que não passaram pela filtração. Então o Espírito se acha em contato com outros Espíritos que lhe são inferiores e sofre realmente o constrangimento que lhe é imposto.

Lembra-se intuitivamente da felicidade que desfrutava e se acha em meio a seus iguais como uma flor exótica que tivesse sido transplantada repentinamente para um terreno inculto. Compreendendo a sua superioridade, tal Espírito se revolta; procura dominar aqueles que o cercam e esta revolta, esta luta consigo mesmo volta-se contra o Criador que lhe deu a existência, e que ele desconhece. Se seus pensamentos puderem desenvolver-se, ele derramará o que extravasa do seu coração em recriminações amargas, como o condenado na sua prisão, e sofrerá cruelmente até que tenha expiado a preguiça e o egoísmo que o impediram de acompanhar seus irmãos. Eis, meus amigos, quais os anjos decaídos

e por que todos lamentam a perda de seu paraíso. Tratai, pois, por vossa vez, de vos apressar, a fim de não serdes abandonados quando soar o sinal de retorno. Lembrai todos que vos deveis a vós mesmos; dizei que vós sois *vós* e que tendes o vosso livre-arbítrio. Esta personalidade do Espírito vos explica por que o filho de um homem sábio muitas vezes é um idiota e por que a inteligência não pode transformar-se em morgadio. Um grande homem bem poderá dar à sua progênie os contornos de sua fisionomia, mas jamais lhe transmitirá o seu gênio; e podeis estar certos de que todos os gênios que manifestaram os seus talentos entre vós eram filhos de suas próprias obras, porquanto, como disse um grande sábio: “É que as mães dos Patay, dos Letronne e do grande Arago criaram esses homens excepcionais muito inocentemente.” Não, meu amigo, a mãe que gera um talento ilustre não tem a menor influência sobre o Espírito que anima o seu filho: este Espírito já era muito adiantado quando veio reencarnar-se no crisol da depuração. Subi, pois, os degraus da escada, degraus luminosos e brilhantes como sóis, pois Deus os ilumina com a sua luz esplêndida. Lembrai-vos de que agora, que conheceis o caminho, seríeis muito culpados se vos tornásseis anjos decaídos. Aliás, creio que ninguém ousaria lamentar-vos e vos cantar o *Paraíso Perdido*.

Milton

(Frankfurt – Médiun: Sra. Delton)

Nada direi sobre esta interpretação dos anjos rebeldes e dos anjos decaídos, senão que faz parte dos ensinamentos que vos devem ser dados, a fim de que possais restabelecer as coisas mal compreendidas em seu verdadeiro sentido. Não penseis que o autor do artigo o tenha escrito sem assistência, como ele mesmo imaginou; julgou emitir suas próprias opiniões, razão por que ficou desconfiado, quando, na realidade, apenas deu forma às idéias que lhe eram inspiradas.

Sim, ele está certo quando diz que os anjos rebeldes ainda estão na Terra, e que são os imperialistas e os ímpios, os que ousam negar o poder de Deus. Não é o cúmulo do orgulho? Todos vós, que acreditais em Deus e lhes cantais louvores, vos indignais com uma tal audácia da criatura, e tendes razão; mas sonдай a vossa consciência e vede se não vos revoltais contra ele, a cada instante, pelo esquecimento de suas santas leis. Praticais a humildade, vós que acreditais na superioridade do vosso mérito? que vos gabais pelos dons que haveis recebido? que vedes com inveja e ciúme a posição do vosso vizinho, os favores que lhe cabem, a autoridade que lhe é concedida? Praticais a caridade, vós que denegrís o vosso irmão, que despejais sobre ele a maledicência e a calúnia? Que em vez de lançar um véu sobre os seus defeitos, sentís prazer em os expor aos olhos de todos, a fim de os humilhar? Vós que credes em Deus, sobretudo vós, espíritas, que assim agís, em verdade vos digo: sois mais culpados que o ateu e o materialista, porquanto tendes a luz e não vedes. Sim, também sois anjos rebeldes, porque não obedecéis à lei de Deus e, no dia do juízo, Deus vos perguntará: “Que fizestes dos meus ensinamentos?”

Paulo, Espírito protetor

Conversas Familiares de Além-Túmulo

GIRARD DE CODEMBERG

(Bordeaux, novembro de 1861)

O Sr. Girard de Codemberg, antigo aluno da Escola Politécnica, é autor de um livro intitulado: *O Mundo Espiritual, ou ciência cristã de comunicar intimamente com as potências celestes e as almas felizes*²⁴. Essa obra contém comunicações excêntricas que denotam manifesta obsessão e cuja publicação os espíritas sérios

24 N. do T.: No original: *Le Monde spirituel, ou Science chrétienne de communiquer intimement avec les puissances célestes et les âmes heureuses.*

lamentam profundamente. O autor morreu em novembro de 1858 e foi evocado na Sociedade de Paris em 14 de fevereiro de 1859. Pode-se ver o resultado dessa evocação na *Revista Espírita* do mês de abril de 1859. A evocação que se segue foi feita em Bordeaux, em novembro de 1861; a coincidência das duas evocações é digna de nota.

P. – Poderíeis responder a algumas perguntas que desejo fazer?

Resp. – É um dever.

P. – Qual a vossa posição no mundo dos Espíritos?

Resp. – Feliz, relativamente à vida que levava na Terra, porquanto ali eu não via o mundo espiritual senão através do nevoeiro dos meus pensamentos, ao passo que agora vejo desdobrar-se à minha frente a grandeza e a magnificência das obras de Deus.

P. – Numa passagem de vossa obra, que tenho em mãos, dissestes: “Perguntam à mesa o nome do meu anjo-da-guarda que, conforme a crença americana, é apenas uma alma feliz, tendo vivido nossa vida terrena e que, por conseguinte, deve ter um nome na sociedade humana.” Essa crença, dizeis, é uma heresia. Que pensais hoje dessa heresia?

Resp. – Disse-vos que tinha visto mal, porque, inexperiente na prática do Espiritismo, aceitei como verdades os princípios que me eram ditados por Espíritos levianos e impostores. Mas, em presença de verdadeiros e sinceros espíritas que aqui se acham reunidos nesta noite, confesso que o anjo-da-guarda, ou Espírito protetor, outra coisa não é senão o Espírito que chegou ao progresso moral e intelectual pelas diversas fases percorridas em suas encarnações nos diferentes mundos, e que a reencarnação, que eu negava, é a mais sublime e a maior prova da justiça de nosso Pai, que está no céu, e que não quer a nossa perda, mas a nossa felicidade.

P. – Em vossa obra falais igualmente do purgatório. Que significado quisestes dar a essa palavra?

Resp. – Eu pensava, com razão, que os homens não podiam alcançar a felicidade sem se purificarem das máculas que a vida material sempre deixa no Espírito. Mas o purgatório, cujo temor me dava uma fé cega, em vez de ser um abismo de fogo, como eu o imaginava, não era senão os mundos inferiores, em cujo número está a Terra, onde todas as misérias a que está sujeita a humanidade se manifestam de mil e uma maneiras. Não está aí a explicação da palavra *purgare*?

P. – Também dizeis que vosso anjo-da-guarda respondeu, a propósito do jejum: “O jejum é o complemento da vida cristã e a ele te debes submeter.” Que pensais disto agora?

Resp. – O complemento da vida cristã! E os judeus, os muçulmanos, que também jejuam! O jejum não é apropriado exclusivamente à vida cristã; entretanto, algumas vezes é útil, naquilo que pode enfraquecer o corpo e acalmar as revoltas da carne. Crede-me, mais vale uma vida simples e frugal do que todos os jejuns feitos com vistas a dar espetáculo aos homens, mas que em nada corrigem vossas inclinações e tendências para o mal. Vejo que exigis de mim uma retratação completa de meus escritos. Eu vo-la devo, porque alguns fanáticos, que não fazem parte da época em que escrevi, têm uma fé cega naquilo que publiquei como a exata verdade. Não sou punido por isso, porque atuava de boa-fé e escrevia sob a influência temerosa das lições dos primeiros anos, às quais não podia subtrair a vontade de pensar e agir; mas, crede, será muito restrito o número dos que abandonarão o caminho traçado pelo Sr. Allan Kardec para seguir o meu. São pessoas com as quais não se deve contar muito, marcadas pelo anjo da libertação para serem arrastadas no turbilhão renovador que deve transformar a sociedade. Sim, meus amigos, sede espíritas. É Gérard de Codemberg que vos convida a tomardes lugar no grande banquete fraterno, porquanto vós sois e nós somos todos irmãos, e a reencarnação nos torna solidários, apertando entre nós os laços da fraternidade em Deus.

Observação – Este pensamento de que os homens serão expulsos e enviados a mundos inferiores, caso não aproveitem os avisos de Deus no grande movimento que deve operar a renovação da Humanidade, opondo-lhe obstáculos, acha-se hoje reproduzido por todos os lados nas comunicações dos Espíritos. Dá-se o mesmo com este outro: chegamos ao momento desta transformação, cujos sintomas já se fazem sentir. Quanto ao que atribui ao Espiritismo a base dessa transformação, é universal. Tal coincidência tem algo de característico. – A. K.

P. – Dissestes ter evocado a santa Virgem Maria e que dela recebestes conselhos. Essa manifestação foi real?

Resp. – Quantos dentre vós vos julgais inspirados por ela e sois enganados! Sede vós mesmos vossos e meus juízes.

P. – Ao dirigirdes à Virgem a pergunta: – “Há, pelo menos, na sorte das almas punidas, a esperança conservada por vários teólogos da *gradação das penas*?” –, dissestes ter sido esta a sua resposta: “As penas eternas não têm gradação; são todas as mesmas e as chamadas são os seus ministros.” Qual a vossa opinião a respeito?

Resp. – As penas infligidas aos Espíritos maus são reais, mas não eternas. Testemunham os vossos pais e amigos, que acorrem diariamente ao vosso apelo e que vos dão, sob todas as formas, ensinamentos que apenas confirmam a verdade.

P. – Alguém da assistência pergunta se o fogo queima fisicamente ou moralmente.

Resp. – Fogo moral.

Em seguida o Espírito continua espontaneamente: “Caros irmãos em Espiritismo, sois os escolhidos de Deus para a sua santa propagação. Mais feliz que eu, um Espírito em missão na vossa Terra vos traçou o caminho, no qual deveis entrar com passo firme e determinado. Sede dóceis; nada temais: é o caminho do progresso e da moralidade da raça humana. Para mim, que apenas

havia delineado a obra que vosso mestre vos traçou, porque me faltava coragem para me afastar do caminho batido, tenho a incumbência de vos guiar à situação de Espírito, na estrada boa e segura onde entrastes. Poderei, assim, reparar o mal que cometi por ignorância e ajudar com minhas frágeis faculdades a grande reforma da sociedade. Não vos inquieteis com os irmãos que se afastam de vossas crenças. Ao contrário, agi de maneira que não mais se misturem ao rebanho dos verdadeiros crentes, pois são ovelhas sarnentas e deveis evitar o contágio. Adeus. Voltarei com este médium. Até logo.

Girard de Codenberg

Nota – Consultados quanto à identidade do Espírito, nossos guias responderam: “Sim, meus amigos, ele sofre por ver o mal que causa a doutrina errônea que publicou. Mas já havia expiado esse erro na Terra, porque era obsidiado e a doença que o matou foi fruto da obsessão.”

LA BRUYÈRE

(Sociedade de Bordeaux – Médium: Sra. Cazemajoux)

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Nossa evocação vos dá prazer?

Resp. – Sim, já que pouquíssimos de vós pensam neste pobre Espírito zombador.

3. Qual a vossa posição no mundo espírita?

Resp. – Feliz.

4. Que pensais da geração dos homens que vivem atualmente na Terra?

Resp. – Penso que não progrediram muito em moralidade, pois se vivesse entre eles eu poderia aplicar os meus

Caracteres com a mesma verdade que os assinalou quando eu vivia. Encontro os meus glutões, os meus egoístas, os meus orgulhosos na mesma situação em que os deixei quando morri.

5. Vossos *Caracteres* gozam de merecida reputação. Qual a vossa opinião atual sobre as vossas obras?

Resp. – Penso que não tinham o mérito que lhas atribuí, porquanto teriam produzido outro resultado. Mas acho que nem todos os que as lêem se comparam a qualquer daqueles retratos, embora a maioria seja de surpreendente verdade. Tendes todos uma pequena dose de amor-próprio, suficiente para aplicar ao próximo os vossos defeitos pessoais e jamais vos reconheceis quando sois pintados com traços verídicos.

6. Acabastes de dizer que os *Caracteres* poderiam ser hoje aplicados com a mesma verdade. Então não achais os homens mais adiantados?

Resp. – Em geral a inteligência avançou, mas a melhora não deu um passo. Se Molière e eu ainda pudéssemos escrever, não faríamos outra coisa, senão aquilo que fizemos: trabalhos inúteis, que vos advertiriam sem vos corrigir. O Espiritismo será mais feliz. Pouco a pouco vos conformareis à sua doutrina e reformareis os vícios que em vida vos chamamos a atenção.

7. Pensais que a Humanidade ainda seja rebelde às advertências que lhe são dadas pelos Espíritos encarnados em missão na Terra e pelos Espíritos que os vêm ajudar?

Resp. – Não; a época do progresso e da renovação da Terra e de seus habitantes chegou. É por isso que os Espíritos bons vêm prestar-vos o seu concurso. Disse-vos bastante esta noite, mas prepararei um dos meus *Caracteres* para daqui a alguns dias.

8. Vossos *Caracteres* não podem ser aplicados também a alguns Espíritos errantes, movidos por idênticos sentimentos?

Resp. – A todos os que ainda têm, no estado de Espírito, essas mesmas paixões que em vida os dominavam. Perdoai-me a franqueza, mas, quando me chamardes, eu vos direi as coisas sem fineza e sem rodeios.

Jean de La Bruyère

Poesias Espíritas

(Sociedade Espírita de Bordeaux – Médium: Sra. Cazemajoux)

CREDE NOS ESPÍRITOS DO SENHOR

Acreditai em nós; somos centelha,
Raio brilhante do seio de Deus,
Que sobre uma alma nova se assemelha
À ternura do céu aos prantos seus.

Acreditai em nós: chama ligeira
De errante Espírito pelos jazigos
Vem afastar o obstáculo, a barreira
Que entre nós foram assim postos, amigos.

Acreditai em nós; trevas, mentiras
São dispersadas, que é do céu que vimos,
Ternos, alegres repor-vos nas líras
Dos sonhos bons o dulçor que sentimos.

Acreditai em nós; nós que erramos no espaço
Para guiar-vos ao Bem. Crede em nós
Que vos amamos... E cada hora ou passo,
Caros irmãos, nos conduz a vós.

Elisa Mercoeur

AS VOZES DO CÉU

Vozes do céu que suspiram na brisa,
Murmuram no ar e percutem nas ondas;

E da floresta que os montes divisa
Os seus suspiros ecoam nas sondas.

Vozes do céu se agitam na folhagem
Nos verdes prados, dos bosques nos cantos,
Junto da fonte em que é mais pura a aragem
Canta o poeta seus versos em pranto.

Vozes do céu cantam nos arvoredos,
No loiro trigo, nos jardins em flores,
No azul que às nuvens repete segredos,
E no arco-íris de esplêndidas cores.

Vozes do céu, em silêncio elas choram;
Vos recolhei, falam ao coração;
São os Espíritos bons que então oram
E ao Criador enfim vos levarão.

Elisa Mercoeur

Dissertações Espíritas

OS MÁRTIRES DO ESPIRITISMO

A respeito da questão dos milagres do Espiritismo, que nos tinha sido proposta e que foi tratada em nosso último número, também nos propuseram esta pergunta: “Os mártires selaram com o próprio sangue a verdade do Cristianismo. Onde estão os mártires do Espiritismo?”

Tendes, pois, muita pressa em ver os espíritas na fogueira e atirados às feras, o que leva a supor que boa vontade não vos faltaria se isto ainda pudesse acontecer. Quereis, a todo custo, promover o Espiritismo à categoria de uma religião! Notai que ele jamais teve essa pretensão; nunca se colocou como rival do Cristianismo, do qual declara ser filho; que combate seus mais cruéis inimigos: o ateísmo e o materialismo. Ainda uma vez, é uma filosofia que repousa sobre as bases fundamentais de toda religião

e na moral do Cristo; se renegasse o Cristianismo, ele se desmentiria e se suicidaria. São seus inimigos que o apresentam como uma nova seita, que lhe deram sacerdotes e sumo-sacerdotes. De tanto gritarem que é uma religião, as pessoas acabarão por crer. É preciso ser uma religião para possuir seus mártires? A Ciência, as artes, o gênio, o trabalho e as idéias novas não tiveram, em todas as épocas, os seus mártires?

Não ajudam a fazer mártires os que apontam os espíritas como reprovados, como párias de quem se deve fugir ao contato? os que sublevam contra eles a população ignorante a ponto de *lhes tirar os meios de subsistência*, esperando vencê-los pela fome, em falta de boas razões? Bela vitória se o conseguissem! Mas a semente está lançada e germina em toda parte; se for abafada num ponto, crescerá em cem outros. Tentai, pois, ceifar a terra inteira!

Deixemos, porém, que falem os Espíritos encarregados de responder à questão.

I

Pedistes milagres e hoje pedis mártires! Já existem os mártires do Espiritismo: entrai nas casas e os vereis. Exigis perseguidos: abri, pois, o coração desses fervorosos adeptos da idéia nova, que lutam contra os preconceitos, com o mundo, muitas vezes até com a família! Como seus corações sangram e se enchem quando seus braços se estendem para abraçar um pai, uma mãe, um irmão ou uma esposa e não recebem, como paga de suas carícias e de seus transportes, senão sarcasmos, sorrisos de desdém e desprezo! Os mártires do Espiritismo são os que, a cada passo, ouvem estas palavras insultuosas: *louco, insensato, visionário!*... e durante muito tempo terão de suportar essas afrontas da incredulidade e outros sofrimentos ainda mais amargos; mas a sua recompensa será bela, porque se o Cristo mandou preparar um lugar soberbo para os mártires do Cristianismo, o que prepara aos mártires do Espiritismo será ainda mais brilhante. Mártires do

Cristianismo na infância, marchavam para o suplício com coragem e resignação, porque não contavam sofrer senão dias, horas e segundos do martírio, aspirando depois a morte como única barreira a transpor para viver a vida celeste. Os mártires do Espiritismo não devem buscar nem desejar a morte; devem sofrer tanto tempo quanto praza a Deus deixá-los na Terra, e não ousam julgar-se dignos dos puros gozos celestes logo que deixam a vida. Oram e esperam, murmurando palavras de paz, de amor e de perdão aos que os torturam, enquanto aguardam novas encarnações nas quais poderão resgatar suas faltas passadas.

O Espiritismo se elevará como um templo soberbo. No começo os degraus serão difíceis de subir; mas, transpostos os primeiros degraus, os Espíritos bons ajudarão a vencer os outros até um lugar plano e reto que conduz a Deus.

Ide, ide, filhos, pregar o Espiritismo! Pedem mártires: vós sois os primeiros que o Senhor marcou, pois sois apontados a dedo e tratados como loucos e insensatos, por causa da verdade! Mas, eu vo-lo digo, em breve vai chegar a hora da luz; então, não mais haverá perseguidores nem perseguidos: sereis todos irmãos e o mesmo banquete reunirá opressores e oprimidos!

Santo Agostinho (Médium: Sr. E. Vézzy)

II

O progresso do tempo substituiu as torturas físicas pelo martírio da concepção e do nascimento cerebral das idéias que, filhas do passado, serão as mães do futuro. Quando o Cristo veio destruir o costume bárbaro dos sacrifícios, quando veio proclamar a igualdade e a fraternidade entre a túnica proletária e a toga patricia, os altares ainda vermelhos fumegavam o sangue das vítimas imoladas; os escravos tremiam ante os caprichos do senhor e os povos, ignorando sua grandeza, esqueciam a justiça de Deus. Nesse estado de rebaixamento moral, as palavras do Cristo teriam

sido impotentes e desprezadas pela multidão, se não tivessem sido gritadas pelas suas chagas e tornadas sensíveis pela carne palpitante dos mártires. Para ser cumprida, a misteriosa lei das semelhanças exigia que o sangue derramado pela idéia resgatasse o sangue derramado pela brutalidade.

Hoje, os homens pacíficos ignoram as torturas físicas. Só o seu ser intelectual sofre, porque se debate, comprimido pelas tradições do passado, enquanto aspira novos horizontes. Quem poderá descrever as angústias da geração presente, suas dúvidas pungentes, suas incertezas, seus ardores impotentes e sua extrema lassidão? Inquietos pressentimentos dos mundos superiores, dores ignoradas pela antigüidade material, que só sofria quando não gozava; dores que são a tortura moderna e que transformam em mártires aqueles que, inspirados pela revelação espírita, crerão e não serão acreditados, falarão e serão censurados, marcharão e serão repelidos. Não desanimeis; vossos próprios inimigos vos preparam uma recompensa tanto mais bela quanto mais espinhos houverem semeado em vosso caminho.

Lázaro (Médium: Sra. Costel)

III

Como bem dizeis, em todos os tempos a crença tem produzido mártires. Mas, também – é preciso que se diga – muitas vezes o fanatismo estava de ambos os lados e então, quase sempre, corria sangue. Hoje, graças aos moderadores das paixões, aos filósofos ou, antes, graças a essa filosofia que começou com os escritores do século dezoito, o fanatismo apagou o seu facho e embainhou a espada. Em nosso tempo é difícil imaginar a cimitarra de Maomé, a forca e a roda²⁵ da Idade Média, suas fogueiras e torturas de toda sorte, assim como não fazemos idéia das feiticeiras

25 **N. do T.:** Suplício que consistia em amarrar alguém numa espécie de cruz, quebrar-lhe os membros com uma clava e, em seguida, atar-lhe o corpo a uma roda, que era posta em movimento.

e dos magos. Outros tempos outros costumes, diz um sábio provérbio. Como vedes, a palavra *costumes*²⁶ tem aqui acepção muito ampla; conforme a sua etimologia latina, significa: hábitos, maneira de viver. Ora, em nosso século, nossa maneira de ser não é de cobrir-se com cilício, ir às catacumbas nem de subtrair suas preces aos procônsules e aos magistrados da cidade de Paris. O Espiritismo, pois, não verá erguer-se o machado, nem a chama das fogueiras devorarem os seus adeptos. A gente se bate a golpes de idéias, a golpes de livros, a golpes de comentários, a golpes de ecletismo e a golpes de teologia, mas a noite de São Bartolomeu não mais se repetirá. Certamente poderá haver algumas vítimas nas nações atrasadas; contudo, somente a idéia será combatida e ridicularizada nos centros civilizados. Assim, pois, nada de machado, de feixe de varas, de óleo fervente; mas atentai para o espírito voltaireano mal compreendido: eis o carrasco. É preciso preveni-lo, mas não temê-lo: ele ri, em vez de ameaçar; lança o ridículo, em vez da blasfêmia e seus suplícios são as torturas do espírito que sucumbe à opressão do sarcasmo moderno. Mas, sem desagradar aos pequenos Voltaires de nossa época, a juventude compreenderá facilmente essas três palavras mágicas: liberdade, igualdade, fraternidade. Quanto aos sectários, estes são mais para temer, porque são sempre os mesmos, malgrado o tempo e apesar de tudo; podem fazer o mal algumas vezes, mas são incoerentes, fingidos, velhos e impertinentes. Ora, vós que passais pela fonte de Juventa, e cuja alma remoça e se revigora, não os temais, porque o seu próprio fanatismo os perderá.

Lamennais (Médium: Sr. A. Didier)

ATAQUES À IDÉIA NOVA

Como vedes, começam a comentar as idéias espíritas até nos cursos de teologia e a *Revista Católica* tem a pretensão de demonstrar *ex-professo*, como dizem, que o Espiritismo atual é obra do demônio, conforme se depreende do artigo *Satanismo no*

26 N. do T.: Grifo nosso.

Espiritismo moderno, publicado naquela revista. Ah! deixai-os falar e acontecer. O Espiritismo é como o aço, e todas as serpentes possíveis usarão os dentes para o morder. Seja como for, há um fato digno de nota: é que outrora desdenhavam ocupar-se com os que moviam cadeiras e mesas, ao passo que hoje muitos se ocupam com esses inovadores, cujas idéias e teorias se elevaram à altura de uma doutrina. Oh! é que esta doutrina, esta revelação abre brecha em todas as antigas doutrinas, em todas as velhas filosofias, insuficientes para satisfazerem as necessidades da razão humana. Assim, sacerdotes, cientistas, jornalistas, descem à arena empunhando a pena para repelir a idéia nova: o progresso. Ora! que importa! não é uma prova irrefragável da propagação dos nossos ensinamentos? Ah! não se discute, não se combate senão as idéias realmente sérias e bastante partilhadas, que não podem ser tomadas como utopias, como quimeras que emanam de um cérebro doente. Aliás, melhor que ninguém podeis observar com que rapidez o Espiritismo recruta adeptos diariamente, e isto até nas fileiras esclarecidas do Exército, entre oficiais de todas as armas. Não vos inquieteis, pois, com todos esses infelizes que uivam à toa, porquanto já não sabem onde estão: perderam as estribeiras! Suas certezas, suas probabilidades se desvanecem ante o facho do Espiritismo, porque, no fundo de suas consciências, sentem que apenas nós estamos com a verdade. Digo nós porque hoje, Espíritos ou encarnados, só temos um objetivo: a destruição das idéias materialistas e a regeneração da fé em Deus, a quem tudo devemos.

Erasto (Médium: Sr. d'Ambel)

PERSEGUIÇÃO

Muito bem, meus filhos! Bravo! Sinto-me feliz por vos ver reunidos, lutando com zelo e persistência. Coragem! trabalhai arduamente no campo do Senhor, porque chegará o momento em que não será apenas a portas fechadas que se pregará a doutrina santa do Espiritismo.

Flagelaram a carne; terão de flagelar o Espírito. Ora, em verdade vos digo: quando isto acontecer, estareis prestes a entoar, juntos, o cântico de ação de graças, e todos estaremos prontos a ouvir um só e mesmo grito de alegria sobre a Terra. Mas – eu vo-lo digo – antes da idade de ouro e do reinado do Espírito, é preciso que haja grande sofrimento, choro e ranger de dentes.

As perseguições já começaram. Espíritas! sede firmes e mantende-vos de pé: estais marcados pela unção do Senhor. Sereis chamados de insensatos, de loucos e de visionários. Não mais ferverão o óleo, nem erguerão cada falsos e fogueiras; o fogo de que se servirão para vos fazer renunciar às vossas crenças será mais ardente e ainda mais vivo. Espíritas! Despojai-vos do homem velho, pois é a este que farão sofrer. Que vossas novas túnicas sejam brancas; cingi vossas frentes com coroas e preparai-vos para entrar na liça. Sereis amaldiçoados; deixai que vossos irmãos vos digam *raca*; orai por eles e afastai de suas cabeças o castigo que o Cristo disse reservar aos que disserem *raca* aos seus irmãos.

Preparai-vos para as perseguições pelo estudo, pela prece, pela caridade. Os servos serão expulsos das casas de seus senhores e tratados como loucos. Mas encontrarão o Samaritano à porta da casa e, não obstante pobres e nus, ainda partilharão entre si as vestes e o último naco de pão. Ante tal espetáculo, os patrões perguntarão: Mas, quem são esses homens que expulsamos de nossas casas? Não dispõem senão de um pedaço de pão para esta noite e o dão!; só possuem um manto para se cobrirem e o dividem com um estranho! Então suas portas se abrirão novamente, pois vós é que sois os servidores do Mestre. Mas desta vez eles vos acolherão e vos abraçarão; suplicarão com insistência que os abençoem e os ensinem a amar. Não mais vos chamarão servos ou escravos, mas vos dirão: Meu irmão, vem assentar-te à minha mesa. Há uma só e mesma família na Terra, como há um só e mesmo pai no Céu.

Ide, ide, meus irmãos! Pregai e, sobretudo, sede unidos: o céu vos está preparado.

Santo Agostinho (Médium: Sr. E. Vézzy)

Bibliografia

O *Espiritismo na sua expressão mais simples*, do qual foram vendidos cerca de dez mil exemplares, está sendo reimpresso com várias correções importantes. Sabemos que já está traduzido em alemão, em russo e em polonês. Concitamos os tradutores a se sujeitarem ao texto da nova edição. Recebemos de Viena (Áustria) a tradução alemã, publicada naquela cidade, onde se forma uma sociedade espírita, sob os auspícios da de Paris.

O segundo volume das *Revelações de Além-Túmulo*, pela Sra. H. Dozon está no prelo.

Chamamos novamente a atenção dos nossos leitores para a interessante brochura da Srta. Clémence Guérin, intitulada: *Ensaio biográfico de Andrew Jackson Davis*, um dos principais escritores espiritualistas dos Estados Unidos. – Livraria Ledoyen. Preço, 1 franco.

Allan Kardec

